



**Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**

## **A LUTA DE CLASSES NO BRASIL NOS ANOS 1970**

Elaine Alves BARBOSA  
André Carlos da SILVA

**São Paulo**  
**2012**

Trabalho temático interdisciplinar apresentado para  
avaliação dos docentes da grade curricular do 1º  
semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da  
Informação da Fundação Escola de Sociologia e  
Política de São Paulo.

**São Paulo**  
**2012**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. A SOCIEDADE BRASILEIRA PRÉ E PÓS GOTA D'ÁGUA.....	5
2. CLASSES SOCIAIS.....	8
3. CREONTE: O PODER DO CAPITAL .....	9
4.MESTRE EGEU: A PROPRIEDADE É UM ROUBO .....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19

## INTRODUÇÃO

O livro “Gota D’Água”, obra trágico-musical de autoria de Chico Buarque e Paulo Pontes foi publicado em 1975 tendo como texto-fonte “Medeia” de Eurípides (480-405 a.C.).

Os autores transferem o cenário da tragédia grega para o Rio de Janeiro, da década de 1970; para isso, utilizam o código musical, parte dominante do universo de Chico Buarque, o literário, comum a ambos, e principalmente o teatral, este último mais familiar a Paulo Pontes.

A obra retrata os infortúnios do conflituoso relacionamento amoroso dos protagonistas Jasão e Joana. No enredo teatral, Jasão abandona Joana, com quem teve dois filhos, para se casar com Alma, filha de Creonte, proprietário da maioria dos imóveis na Vila do Meio-Dia, microcosmo fictício, localizado na periferia carioca, onde se passa a maior parte da história.

Ao ser abandonada por Jasão, Joana inconformada tenta se vingar a todo custo; este fato coincide com a ascensão profissional de Jasão como músico/compositor-revelação do sucesso que dá título à obra.

Imbricada à história do casal, há a luta de classes entre o proletariado da Vila do Meio-Dia, essencialmente miserável e sem oportunidades, oprimidos pelo sistema capitalista representado pela personagem Creonte.

Por sua vez, temos na personagem Mestre Egeu o principal agente ideológico de oposição na conscientização político-social dos moradores da Vila do Meio-Dia em um claro antagonismo a Creonte, representando a resistência ao sistema opressor vigente.

O objetivo deste trabalho é discutir a luta de classes no Brasil contemporâneo à obra, estabelecido no conceito sócio-econômico do período pré e pós Gota d’Água.

## **A SOCIEDADE BRASILEIRA PRÉ E PÓS-GOTA D'ÁGUA**

A história brasileira dos anos 1960, pré Gota D'Água, foi marcada por conspirações internas de chefes militares, financiadas pelos Estados Unidos da América, em nome dos imperativos da Guerra Fria.

O governo de João Goulart desagradava segmentos conservadores da burguesia e da Igreja Católica que, juntos, convenceram a classe média nacional de que Jango confiscaria propriedades ao implantar uma república sindicalista. Para “salvar a democracia”, as Forças Armadas Brasileiras depuseram o presidente e implantaram o regime ditatorial na primeira manhã do mês de abril de 1964.

Diante do aumento e intensidade dos protestos contra o regime imposto, os militares apelam para a “legitimidade revolucionária” e atribuem-se totais poderes para o início dos truculentos “anos de chumbo”.

Os governos militares resumiram seus grandes objetivos em duas palavras: segurança e desenvolvimento. Tais metas são contestadas, pois o desenvolvimento beneficiou a poucos e promoveu-se a segurança para o Estado, à custa da insegurança da população. (ARRUDA, 1994. p.328)

Em síntese, os Atos Institucionais (AI's), sendo o AI-5 de 1968 o mais ríspido e truculento, suspendeu várias garantias constitucionais: fechamento do Congresso Nacional, cassação de mandatos, suspensão de direitos políticos e repressão a todas as formas de resistência democrática.

A partir da Lei da Segurança Nacional de 1968, todo cidadão passou a ser responsável pela segurança do Estado Militar e, assim, privado dos direitos de cidadania. O ministro da Justiça tinha o poder de julgar crimes contra a segurança nacional; apreender e/ou censurar livros, revistas, panfletos, filmes e proibir atividades políticas nas escolas, além de censurar com seu crivo autoritário, jornais, peças de teatro e músicas de compositores como Chico Buarque.

Diante disso, surgem várias organizações de esquerda resultantes do Partido Comunista: Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (Var-Palmares); Vanguarda Popular Revolucionária (VPR); Comando de Libertação Nacional

(Colina), do qual participou a primeira presidenta eleita no Brasil Dilma Rousseff; e o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8).

A guerrilha urbana ganha força, sequestrando embaixadores e aviões para trocá-los por presos políticos, em pleno andamento da Copa do Mundo de 1970, e na área rural brasileira Carlos Lamarca lidera a guerrilha do Araguaia.

Tentaram a guerrilha urbana. Sequestravam diplomatas estrangeiros e os trocavam por presos políticos, que o governo baniu e enviava ao exterior. Para conseguir fundos, assaltavam bancos. A tática se revelou ineficiente e não ganhou o apoio da população. A repressão policial-militar dizimou todos os grupos, que a propaganda do regime chamava de terroristas. (ARRUDA, 1994. p.330)

Amedrontadas com a luta de classes e seduzidas pela promessa de segurança e desenvolvimento, a burguesia e boa parte da classe média aderem ou se acomodam no regime autoritário.

Pelo chamado “milagre econômico”, o aumento de exportações e capitais estrangeiros fez com que a economia do país crescesse 11% ao ano, em seu período áureo, entre os anos de 1968 e 1973.

A experiência capitalista que se vem implantando aqui – radical, violentamente predatória, impiedosamente seletiva – adquiriu um trágico dinamismo. O santo que produziu o milagre é conhecido por todas as pessoas de boa fé e bom nível de informação: a brutal concentração da riqueza elevou, ao paroxismo, a capacidade de consumo de bens duráveis de uma parte da população, enquanto a maioria ficou no ora veja. (BUARQUE; PONTES, 1975. p. 2)

A concentração de renda pela burguesia, com suas mansões cercadas de grades, impediu a maior parte da população de usufruir do “milagre”. As consequências do aguçamento das desigualdades ficariam bem visíveis nas grandes cidades, assoladas pela violência, coalhadas de favelas, com crianças abandonadas pelas ruas ao lado de majestosos edifícios-sede de multinacionais.

Em 1974, o então presidente-general Ernesto Geisel apresenta a proposta de um gradual, mas seguro, aperfeiçoamento democrático.

A abertura trouxe outro resultado concreto: o gradativo desaparecimento da censura (ARRUDA, 1994 p. 333)

O “suicídio” do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, demonstrou o cinismo das autoridades e a carnificina que ocorria nos porões da ditadura. E, pela primeira vez em muitos anos, a sociedade civil se manifestou abertamente contra o regime militar através de um memorável culto ecumênico na cidade de São Paulo.

A mobilização pública acelera o “cauteloso projeto de anistia” e, antes do fim da década de 1970, os exilados estavam de volta ao país com a aprovação da Lei da Anistia, fruto de ampla campanha popular e não da concessão do governo Geisel, o AI-5 é extinto e a censura desaparece gradativamente.

O último general-presidente, João Baptista Figueiredo, assume em 1979, com a promessa de fazer do Brasil um país democrático, acabando com o bipartidarismo (MDB e ARENA) visando à maioria dos governos estaduais nas eleições de 1982.

A abertura não prosseguiria sem novos tropeços, contudo. Entre 1980 e 1981, ocorreram atentados de grupos de direita, insatisfeitos com a abertura política. (ARRUDA, 1994 p.334-335)

A partir de 1982, após dezoito anos, o povo volta a escolher representantes para governo e prefeitura, porém analfabetos e eleitores de capitais e municípios considerados áreas de segurança nacional não tinham direito ao voto.

Somente em 1984, no auge da campanha “Diretas Já”, o Congresso leva para votação a Emenda *Dante de Oliveira*, que restabeleceria as eleições diretas para presidente, esta apoiada por 90% dos brasileiros.

O povo saía às ruas vestidos de amarelo, a cor da campanha. Os comícios cresciam em São Paulo, Belo Horizonte, Belém e Rio de Janeiro. O país inteiro foi tomado pelas manifestações, alegres e ordeiras, pelas reuniões e comícios que terminavam sempre com o Hino Nacional cantado pelos presentes, de mãos dadas para o alto, em clima de emoção cívica. (ARRUDA, 1994 p.336-337)

A votação para a emenda das Diretas Já conseguiu 298 votos, 22 a menos que o necessário para a aprovação. A frustração tomou conta da nação e os nomes

dos deputados que votaram contra ou que faltaram à votação foram publicados pelos jornais e estampados pelas praças do país, expostos ao repúdio público.

Após a derrota da emenda Dante de Oliveira, os moderados do PMDB coligados com o PFL, na chamada Aliança Democrática, lançam Tancredo Neves candidato à presidência e José Sarney como vice.

A vitória da Aliança Democrática em 1985 devolve ao Brasil, após 21 anos de ditadura militar, um presidente civil que o povo o saudava com esperança e entusiasmo sobre o nascimento da Nova República.

## **CLASSES SOCIAIS**

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados. Ressalto que é um fenômeno histórico, algo que ocorre efetivamente nas relações humanas. (THOMPSON, 1987 p.12)

Os homens são iguais perante a lei e a justiça do país, porém as desigualdades sociais provocadas pelas relações de produção do sistema capitalista dividem os homens em dois grandes blocos: de um lado o bloco dos burgueses, composto essencialmente pelos proprietários dos meios de produção, e de outro, o bloco do proletariado, composto por aqueles que, não dispendo dos meios de produção, vendem sua força de trabalho.

Não pode haver luta de classes sem que em um dos lados esteja o capital e a propriedade privada. A classe dominante só pode ser o capital e a propriedade privada. A classe dominada só pode ser assim compreendida porque é a classe do capital. (BOGO, 2008 p.160)

A obra literária Gota D'Água esboça as preocupações fundamentais para a reflexão sobre a sociedade brasileira e a experiência capitalista implantada no Brasil por autoridades rigidamente centralizadas como instrumento de imobilização imposto às classes subalternas.



O avanço desenfreado do capital acompanhado por suas crises e solavancos, propiciou grandes transformações econômicas e políticas, além de profundas mudanças ideológicas que afetaram a cultura e os valores das classes exploradas. É a cultura da minoria que se impõe. (BOGO, 2008 p. 19)

## CREONTE: O PODER DO CAPITAL

A burguesia controla cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. (MARX, ENGELS. 2009 p.31)

A personagem Creonte, na adaptação teatral, representa a classe burguesa brasileira, a que Karl Marx denominava de *socialista conservador* ou *burguês*:

Uma parte da burguesia deseja remediar as anomalias sociais, a fim de garantir a manutenção da sociedade burguesa. Pertencem a essa fração: economistas, filantropos, humanitários, agentes melhoradores da situação das classes trabalhadoras [...] (MARX, ENGELS 2009, p. 74).

Ao longo do enredo, Creonte demonstra toda a manipulação e opressão que a burguesia exerce sobre a classe média, esta representada pelo protagonista Jasão, e pela classe oprimida, a Vila do Meio-Dia:

Creonte: [...] Aprende, meu filho, dessa lição você vai precisar...  
Se você repete um só estribilho no coco do povo, e bate, e martela,  
o povo acredita naquilo só.  
Acaba engolindo qualquer balela. (BUARQUE, PONTES, 1975, p. 31).

Creonte, através de seu Poder econômico, manipula Jasão, a classe média, em inúmeros momentos, formando, assim, a representação da classe opressora que faz uso da classe média para obter a massa de alienados.

Creonte: Escute rapaz, você já parou pra pensar direito o que é uma cadeira? A cadeira faz o homem. A cadeira molda o sujeito pela bunda, desde o banco escolar até a cátedra do magistério. [...]

Pois o banqueiro senta a vida inteira, o congressista senta no senado e a autoridade fala de cadeira. [...] Sentado está Deus Pai, o presidente da nação, o dono do mundo e o chefe da repartição.

O imperador só senta no seu trono que é uma cadeira co'imaginação. [...] Quero ver você nela bem sentado, como quem senta na cabeceira do mundo. Sendo sempre respeitado, criando progresso, extirpando as pragas, traçando o destino de quem não tem. (BUARQUE, PONTES, 1975, p. 32-33)

Proprietário de alguns imóveis na vila, Creonte utiliza da especulação monetária para cobrança de abusivas taxas de juros sobre o financiamento das casas. Grande parte dos moradores, representantes das classes operárias exploradas pela *mais valia*, encontra dificuldades financeiras para o pagamento da prestação, o que gera inadimplência.

Mestre Egeu, personagem antagônico de Creonte, representa na vila um “conselheiro” dos moradores. Partindo do conceito de *classe para si*, o Mestre conscientiza a Vila do Meio-Dia sobre as cobranças exorbitantes da prestação das casas. Essa conscientização social levaria a vila a uma revolução social.

Creonte, temendo a conscientização de *classe para si* dos moradores, especula com Jasão a melhor maneira de evitar perdas econômicas e imobiliárias.

Creonte: [...]Já que vamos dividir este assento, um trabalhinho já apareceu. [...].

Bem, perfeito.Você vai conversar com ele,(Mestre Egeu), então Você me conhece e pode explicar que eu trabalhei suado, honestamente

e fiz essas casas pra melhorar as condições de vida dessa gente

Agora, quem compra tem que pagar, [...]

Diga que pra haver desenvolvimento. Cada um tem que pagar o seu preço

Egeu, faz muito tempo que eu conheço

e está fazendo movimento contra mim. [...]

Está mandando o povo sonegar as prestações da casa [...].  
(BUARQUE, PONTES, 1975, p. 36-37)

Para os preparativos do casamento de sua filha Joana com Jasão, notamos a esnobismo que as classes mais favorecidas, e tradicionais, utilizam no seu cotidiano em que a participação da classe operária ocorre:

Cacetão: Me disseram que Creonte / Co 'o casório, ta maluco  
[...]

Nenê: O vestido da menina / Foi lá de Paris que veio  
Creonte trocou por outro / Que o primeiro tava feio  
Era só bordado a ouro / E ele de ouro já ta cheio  
Só a fivela do cinto / Custou dois milhões e meio.

[...]

Maria: Já antes do casamento / Creonte chamou Jasão  
Lhe deu apartamento / Um carango e um violão  
Deu-lhe um bom financiamento / E falou, virando a mão  
Só não posso dar a bunda / Porque é contra a religião. [...]  
Da Polônia vem a vodca / O spaghetti é da Bolonha.

[...]

Amorim: Creonte está contratando / Toda uma vila operária  
Só para confeitar o bolo / Maravilha culinária. (BUARQUE, PONTES,  
1975, p. 78-79)

A alta sociedade estará presente:

Soube que só convidaram / Gente com mais de um bilhão [...]. Todo  
o mundo financeiro / Vem banqueiro e investidor [...]. A mais alta  
sociedade / Vem mostrar o seu valor. (BUARQUE, PONTES, 1975,  
p. 80)

Creonte apresenta-se bem categórico, ao reafirmar o discurso de “Ordem e Progresso” para a classe oprimida que, por algum momento, se conscientiza de sua situação na sociedade:

Creonte: Fazem baderna, cham, quebram trem,  
 quebram estação, muito bem, bonito. [...],  
 brasileiro não quer cooperar com nada, é anárquico, é negligente  
 E uma nação não pode prosperar  
 Enquanto um povo fica impaciente  
 só porque uma merda de trem atrasa.  
 (BUARQUE,PONTES, 1975 , p.94-95)

Jasão, como a classe de manobra de opiniões, adverte Creonte sobre o perigo que a conscientização de *classe para si* dos moradores da Vila do Meio –Dia poderá ocasionar ao patrimônio de Creonte, e, bem ao estilo *panem et circenses* aconselha:

Jasão: É tem que ceder um pouco. [...]  
 Não fique pensando que o povo não é nada,  
 Carneiro, boiada, débil mental,  
 pra lhe entregar tudo de mão beijada.  
 Tem que produzir uma esperança  
 de vez em quando pra a coisas acalmar. [...]  
 Em vez de defrontar Egeu no peito,  
 baixe os lucros um pouco e vá com jeito,  
 bote um telefone, arrume uns espaços  
 pras crianças poderem tomar sol.  
 Construa um estádio de futebol,  
 pinte o prédio [...]  
 Ao terminar, reúna com todos, sem exceção  
 e diga: ninguém tem mais prestação atrasada. Vamos arredondar  
 as contas e começar a contar só a partir de agora. (BUARQUE,  
 PONTES, 1975, p. 102-103)

É nítida a ausência de sentimentos de Creonte em relação a qualquer outro ser humano, que não sua filha Alma, demonstrando total indiferença e falta de empatia ao ameaçar despejar Joana com os filhos.

Diante de tal fato, a vila se mobiliza para interceder por Joana e revindicar a correção das prestações dos imóveis. Creonte, ao notar o início de uma revolução social, decide desempenhar sua *função social* e conter motins generalizados:

Creonte: [...], porque, de que serve a riqueza se não contiver a sua função social?

[...] Então faço, de modo informal, o anúncio, com modéstia, sem estardalhaço, das seguintes medidas de ordem social [...] parque infantil pras crianças, [...] um campo de futebol.

[...] aqui ninguém tem mais prestação atrasada. (BUARQUE, PONTES, 1975, p. 136-137)

Creonte, ao final do livro, demonstra as condições que o sistema capitalista impõe aos indivíduos da sociedade, representando a burguesia manifesta sobre Jasão: esse é o maquinismo para manipular as classes oprimidas.

### **MESTRE EGEU: A PROPRIEDADE É UM ROUBO**

Mestre Egeu é o representante da classe oprimida, morador da Vila do Meio-Dia conhece toda a dificuldade que os proletários passam, ao terem de pagar as taxas de juros abusivas sobre a propriedade, um direito constitucional de cada indivíduo, que adquiriram do burguês Creonte.

A propósito, essa contradição não passou despercebida aos teóricos do socialismo utópico, no século XIX; afinal, a propriedade privada é um roubo!

[...], todos os homens acreditam e repetem que a igualdade de condições é idêntica à igualdade de direitos; que propriedade e roubo são termos sinônimos; que toda proeminência social, concedida ou, para melhor dizer, usurpada sob pretexto de superioridade de talento e de serviço, é iniquidade e pilhagem. (PROUDHON, 2011, p.24)

Mestre Egeu é mestre de seu ofício, e partindo do conceito de classe para si, inicia a conscientização dos moradores da vila para uma revolução contra a exploração capitalista exercida por Creonte.

Xulé: Falhei de novo a prestação da casa...  
 Mas pela minha contabilidade, pagando ou não,  
 a gente sempre atrasa [...]
   
se eu pago os nove que inda estou devendo, vou acabar devendo  
 oitenta e um... [...]
   
A gente vive nessa divisão.  
 Se subtrai, se multiplica, soma, no fim, ou come ou paga a  
 prestação.  
 O que posso fazer mestre Egeu?...  
 Egeu: Coma! (BUARQUE, PONTES 1975 p.08-09)

Sábio, o Mestre diz o que pensa ao aconselhar os moradores e amigos da vila em vários momentos dramáticos da peça; porém, o seu maior foco idealizador se reflete sempre na conscientização de classe.

Egeu: Pois eu vou te dizer: se só você não paga,  
 você é um marginal, definitivamente.  
 Mas imagine só se, um dia, de repente ninguém pagar a casa, o  
 apartamento, a vaga.  
 Como é que fica a coisa? Fica diferente.  
 Fica provado que é demais a prestação.  
 Então o seu Creonte não tem solução.  
 Ou fica quieto ou manda embora toda a gente. (BUARQUE,  
 PONTES 1975 p.16)

O protagonista Jasão, representante da classe média, por muitas vezes é confrontado por Egeu por suas atitudes de especulação a favor do burguês Creonte:

[...] Ao contrário, se a ideologia busca a revolução, ela prevê conflitos, disputas, rupturas, e exige que seus precursores se empenhem, modifiquem seus hábitos, empreendam conteúdo aos princípios e valores, formulem programas que prevejam o fim da exploração, da opressão e das desigualdades; e alerta para que se comece a mudar logo o que se tem que tornar definitivo no futuro. (BOGO, 2008 p.217)

Há um momento em que a vila começa a tomar consciência de sua situação sócio/econômica:

Joana: [...] É dever do injustiçado manter sempre a cabeça fria...  
(BUARQUE, PONTES, 1975 p.74)

A protagonista Joana, também se remete, em algumas de suas falas, ao discurso revolucionário ao ser a antagonista fortemente argumentativa contra Creonte e sua forma de manipulação:

Joana: Creonte é ladrão.  
[...] é proprietário seu...  
Jasão: Você está atrasada...  
Joana: Eu sei Jasão  
Estou e nunca mais pago um tostão  
O preço que constava na escritura eu já paguei  
[...] A prestação não me dava conforto  
Quanto mais eu pagava, mais devia. (BUARQUE, PONTES, 1975, p.128-129)

Sobre a ameaça de despejo de Joana, Egeu vê o momento decisivo para a articulação do movimento revolucionário:

Egeu: [...] A fúria e a indignação pertencem a Joana.  
[...] Agora, não pode mais deixar acontecer  
é que locador, com base legal  
num contrato assim anti – social,  
venha botar pra fora essa mulher.  
[...] o despejado amanhã pode ser você. Você  
Você [...]  
E já que todo mundo quer falar  
com Creonte sobre essa prestação  
que nunca acaba, por que não, então,  
ir logo lá numa vez pra matar os dois assuntos? (BUARQUE, PONTES, 1975, p. 131-132)

Ao mobilizar a vila para ir até Creonte, Mestre Egeu materializa toda sua ideologia revolucionária. Creonte, representando a classe burguesa e Jasão como

representante da classe média, ao perceberem as consequências revolucionárias que o proletariado poderá provocar, realizam uma manobra de manipulação ideológica através das “benfeitorias” que Creonte fará na vila.

Estas “benfeitorias” alienam os moradores da vila, que, a partir deste momento, veem em Creonte um homem generoso e terminam o movimento de reivindicações contra a burguesia, reflexo de muitas revoluções idealizadas no Brasil, onde as classes opressoras sempre arranjam um jeito de esvaziar o movimento.

Mestre Egeu adverte:

[...] Nunca imaginei  
que o velho fosse capaz de abrir  
mão de alguma coisa pra conter a insatisfação.  
[...] Com essa manobra ele nos deixa  
falando sozinhos para o vento (BUARQUE, PONTES, 1975, p.139-  
140)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observamos que os questionamentos às formas de dominação impostas pelo poder do capital estão longe de acabar. Passados quase 40 anos da publicação de Gota D'Água, muita coisa mudou no país no que concerne às políticas sócio-econômicas.

A década seguinte à obra ficou conhecida como a década perdida do ponto de vista econômico, do crescimento e do desenvolvimento, culminando em uma hiperinflação, enquanto os anos 90 ficariam marcados pelo seu papel na abertura econômica e privatizações de estatais.

Já o Brasil dos anos 2000 entrou para a história como a década em que a esquerda política brasileira teve um representante eleito presidente do país e é exatamente neste período que as esperanças enfim são renovadas: é de conhecimento público a origem popular do então presidente que tinha entre seu eleitorado a maior parte dos “humildes” deste país.



Neste período, muitas transformações sociais foram feitas e mesmo antes, muitos cidadãos se tornaram politicamente ativos, atuando em grupos ou movimentos sociais sem ligações partidárias, que ajudariam a reduzir a passividade do cidadão comum, que tende a interpretar somente seu papel de cliente e consumidor esquecendo-se do seu compromisso social, uma vez que também está inserido na sociedade.

Existe a real necessidade de se desenvolver na sociedade civil uma consciência de classe para si, para poder então se articular de forma criativa e sagaz com o intuito de expressar seus anseios e opiniões para o fortalecimento de sua causa, além de transferir seu aprendizado para aqueles que ainda não o possuem.

Paulo Pontes e Chico Buarque retratam de forma astuta a luta de classes daquele período, e ousamos dizer ainda, que não seria nada difícil fazer uma adaptação para os dias de hoje.

Precisamos fazer uma sociedade que nos faça ser melhores; que nos dê função social e política; que nos permita amar intensamente e cultivar a dignidade como parte da cultura e da nova identidade.  
(BOGO, 2008 p.25)

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História: História Geral e História do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. **Gota D'Água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MARX, Karl. ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. 14 ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2009. (Coleção Pensamento Humano).

PROUDHON, Pierre-Joseph. **A Propriedade é um Roubo: e Outros Escritos Anarquistas**. São Paulo, L&PM, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da história; 1).